

JOVENS CONTEMPORÂNEOS – SEXUALIDADE, CORPO E GÊNERO NA MÍDIA

Rosângela Soares

Resumo: Este trabalho analisa um programa de namoro na TV, denominado Fica Comigo, da MTV para discutir possíveis relações entre cultura da mídia, juventude, relações amorosas e sexualidades juvenis. No programa, as relações tradicionais ancoradas no amor romântico se mesclam com outras relações mais contemporâneas, e configuram-se num espaço midiático. Em alguma medida, as mudanças produzidas pelas transformações do corpo, do prazer e da sexualidade não têm deixado de fora as relações tradicionais. Elas acoplam-se ao “novo”, embora, ao mesmo tempo, seja possível afirmar que tais mudanças são perturbadoras das tradicionais formas de viver e relacionar-se. Isso possibilita pensar que encontros amorosos e afetivos entre os/as jovens estão em processo de mudança, o que pode indicar as incertezas que caracterizam o contemporâneo, e não simplesmente a reafirmação de um determinado passado.

Palavras-chave: juventude; mídia; sexualidade.

Amor é um livro, Sexo é esporte. Sexo é escolha, Amor é sorte. Amor é pensamento, teorema. Amor é novela, Sexo é cinema. Sexo é imaginação, fantasia. Amor é prosa. Sexo é poesia [...] Amor é cristão, Sexo é pagão. Amor é latifúndio, Sexo é invasão. Amor é divino, Sexo é animal. Amor é bossa nova, Sexo é carnaval [...] Sexo antes, Amor depois [...] Amor é isso, Sexo é aquilo. E coisa e tal... E tal e coisa...

A música “Amor e sexo”, inspirada em texto de Arnaldo Jabor (2004) e interpretada por Rita Lee, demonstra um eterno dilema que não cessa de ser debatido. A letra da canção define, fixa limites e indica oposições: o amor é livro, novela, divino, cristão, o que remete a uma certa tranquilidade, à durabilidade e à continuidade; já o sexo é pagão, animal, invasão, carnaval e, ao contrário do amor, remete ao prazer, às emoções fortes e à intensidade.

Niterói, v. 7, n. 2, p. 93-115, 1. sem. 2007 93

A letra da canção, tal como as construções clássicas da sexologia analisadas por Jeffrey Weeks (1999), define o sexo como um instinto natural e animal e, por isso, como uma força absolutamente avassaladora; fazendo uso de uma linguagem masculina, associa-o com penetração ou invasão. No entanto, ao contrário dos sexólogos, que colocaram tal ímpeto sexual sob suspeita de risco e sob controle, o canto de Rita Lee parece celebrar essa força e otimizar o prazer gerado por ela. Talvez seja possível afirmar que o sexo cantado pela “hippie paródica” esteja acima do amor ou, pelo menos, se coloque de forma mais excitante e arrebatadora do que o amor. Diferentemente deste, que parece ostentar um certo conservadorismo, o sexo carregaria elementos de transgressão dos padrões de comportamento tradicionais (tudo isso ainda parece acentuado se levarmos em conta que é uma mulher que empresta sua voz a essa celebração).

O amor rendeu mais páginas de literatura, desenhos animados, cenas de filmes e novelas ao longo dos tempos do que qualquer outro tema. Homens e mulheres não se cansam de falar de amor. Parece haver uma unanimidade em torno do valor do amor. As histórias de amor do cinema hollywoodiano e as histórias infantis, por exemplo, não cessam de tematizar enredos amorosos. A Disney, com sua produção de desenhos animados, a partir de clássicos infantis como *Cinderela*, *A bela e a fera*, entre outros tantos, dirige-se às crianças abordando a conquista do amor por meio do enfrentamento de bruxas, demônios e inimigos.¹ Entre inumeráveis “grandes” produções de Hollywood, nas quais a paixão amorosa é tematizada, é possível citar *E o vento levou*, *Casablanca* e *Titanic*. É curioso notar que esta última, antes de sua estréia, foi anunciada pela mídia como um provável fracasso, entre outras coisas, por apostar numa história de amor, mas acabou como um fenômeno da indústria cinematográfica, sucesso garantido, principalmente, pelas adolescentes femininas (BRUSCHI, 2001). Esses são exemplos de artefatos culturais que estão ajudando a constituir formas de ser e viver o gênero, a sexualidade e as relações amorosas.

Se o amor tem atravessado o tempo com mais continuidades do que discontinuidades, em relação aos gêneros, ele tem-se colocado de forma diferente para ambos, ou seja, a relação de homens e mulheres com o amor tem tido historicamente diferentes significados e importância. A conduta adequada de gênero está intimamente relacionada a práticas sexuais e amorosas apropriadas. Os discursos em torno da identidade sexual e amorosa têm-se constituído muito fortemente articulados ao gênero.

A sexualidade envolve processos culturais plurais, tais como rituais, linguagens, fantasias, desejos, corpos, prazeres, comportamentos e práticas (WEEKS, 1999; LOURO, 1999). A sexualidade está relacionada a uma variedade de experiências sociais,

¹ Há uma produção significativa no Programa de Pós-graduação da UFRGS sobre as relações entre os desenhos animados da Disney e a constituição de identidades de gênero e sexualidade. Cito aqui os trabalhos de Ruth Sabat (2003) e Cláudia Rael (2002), produzidos no contexto da Linha de Pesquisa Educação e Relações de Gênero.

como a amizade, os romances, o prazer, o amor, o poder e as diferenças sexuais. Esses temas não são recentes, o que não significa que sejam fáceis. Ao contrário, cada vez mais são temas que se complexificam no decorrer da história.

Dentro da teoria feminista, perdura a crítica de que os significados associados às idéias de amor e paixão, embora sendo um aspecto importante no estudo da sexualidade, são raramente mencionados. A sexualidade, em particular, tem sido uma área de debate teórico nos últimos anos, afirma Stevi Jackson (1999), e o amor, que devemos esperar que seja tratado como um aspecto do sexual, tem ficado fora dos debates. De acordo com o autor, a crítica ao amor desenvolvida primeiramente na segunda onda do feminismo não teve elaborações posteriores. Jackson (1999, p.100) conclui que o amor escapa desses debates, sendo tratado como algo muito pessoal e individual para ser sujeito a análises: “a convenção romântica fala-nos que o amor é em essência indefinível, misterioso, fora do discurso racional”. Estar apaixonado é também sentir emoções diferentes de outras formas de amor – é inexplicável, irracional, incontrolável e extasiante.

Os sentimentos, e, nesse caso, especialmente, o amor romântico, constituem um aspecto importante para o estudo da sexualidade. A “naturalidade” dos sentimentos é algo quase inquestionável e tem servido muitas vezes para justificar uma diversidade de atos. Em nome do amor, praticam-se atos criminosos, como os chamados crimes passionais, mas também cometem-se outras “loucuras” mais glamourosas e radicais, como “abandonar tudo” (família, profissão) e seguir o chamado do amor. Em nome do amor, justifica-se o sexo “sem proteção”, ou seja, o não-uso de preservativos nas relações sexuais. O desconhecimento dessa conexão entre amor e sexo, e, de forma mais ampla, da sexualidade e dos sentimentos, tem constituído uma dificuldade na abordagem da prevenção da aids entre os/as jovens e outros segmentos (LOYOLA, 1998).

Essas tensões entre amor romântico e sexualidade que expus resumidamente interessam-me na medida em que são tensões que parecem perpassar o programa de namoro *Fica Comigo*, apresentado pela VJ Fernanda Lima na MTV. A partir de tal programa, analiso criticamente as relações de gênero, sexualidade e corpo de uma juventude contemporânea, urbana, de classe média, que viveu e cresceu numa cultura de mídia.

A MTV, além de ter uma programação com videoclipes, cada vez mais tem colocado no ar programas ligados aos comportamentos sociais. Quanto a isso, pode-se dizer que o *Fica Comigo* é um exemplo, pois trata-se mais especificamente de um programa de namoro na TV. Além do auditório, o programa propriamente dito acontece com a participação direta dos/as jovens. Os/as que procuravam um/a namorado/a eram denominados/as *querido*² ou *querida*. Já os/as que iam disputar o *querido* ou a *querida* eram denominados/as de *interessados/as*.

² Os termos produzidos no programa serão grafados em itálico.

O *Fica Comigo* acontece em cinco blocos, intercalados por comerciais e precedidos de uma abertura. Os/As *interessados/as* não podem ser vistos pelo/a *querido/a* até a última etapa, sendo que o/a protagonista é visto/a, todo tempo, através de um telão.

Processos relacionados ao amor e à sexualidade acontecem nos diversos blocos do programa, nos quais circulam jovens com seus corpos cuidados (ou, no mínimo, preocupados com isso), malhados, adornados com roupas, tatuagens e *piercings*, carregados de significados. Neste ensaio, vou me deter no *jogo*, um dos blocos centrais do programa. Nele são construídos os desafios e situações que colocam em campo as preferências, os gostos, as características e os comportamentos dos/as jovens, a fim de constituir uma conquista amorosa. Nesse sentido, é interessante observar o que é selecionado no *jogo* como comportamentos, atitudes e modelos para os/as jovens na vida afetiva e quais os rituais do amor que são estimulados.

Jogo de afinidades

Uma *querida* ou um *querido* está lá no seu *cantinho*, anuncia a apresentadora. Inicia o *jogo*, que corresponde ao segundo bloco do programa e consiste em desafios por meio de perguntas e respostas. Fernanda Lima, de costas para a platéia, segura um roteiro de perguntas em suas mãos. Ela afirma que já sabe tudo o que faz ganhar ou perder pontos com o/a *querido/a*, que consiste em perguntas e respostas elaboradas a partir do perfil do/a *querido/a*. A partir desse bloco, inicia-se a eliminação dos/as *interessados/as*: no *jogo*, quem fizer menos pontos ou menos corações (a forma como são marcados os acertos e os erros às perguntas) é eliminado da disputa. Tais perguntas valem um número X de corações, que varia conforme sua importância para o/a *querido/a*. Ele/a escolhe a resposta que acha melhor, dando pontos para o/a autor/a da resposta selecionada. As perguntas e os desafios, elaborados a partir do perfil do/a *querido/a*, destinam-se a avaliar quem entre os/as *interessados/as* se aproxima mais dos seus hábitos e das suas preferências, constituindo uma espécie de “*jogo de afinidades*”.

A câmera mostra um/a *querido/a* no *cantinho* (nome dado ao espaço destinado a ele ou ela), recostado/a nas almofadas vermelhas sobre o pufe branco redondo, com uma prancheta e uma caneta para fazer anotações sobre os/as *interessados/as*. Estes/as estão sentados/a nos puffes menores no centro do cenário com uma pequena lousa individual adornada com um coração vermelho, giz e um microfone para lerem suas respostas e, algumas vezes, comentar, explicar e acrescentar. Atrás deles ou delas, encontra-se um placar com uma cesta onde são depositados os corações. No placar, serão colados os corações conforme o número de pontos obtidos para cada resposta.

As questões do *jogo* são variadas como, por exemplo, “*Para qual país vocês gostariam de viajar com o Raphael?*”, e podem aceitar respostas livres. Podem exigir

que frases sejam completadas, como em “*Eu não sou sem-vergonha porque...*”. Ou podem ainda esperar respostas fechadas, como as questões com escolha entre alternativas a, b, e c ou mais: “*Quem paga a conta? a) Você paga a conta, b) Ela paga a conta, c) Dividem a conta*”. Também há perguntas em que os/as interessados/as optam por sim ou não frente às alternativas: “*O que vocês usariam: Sim ou não. a) gel no cabelo, b) brinco, c) sapato sem meia, d) anel*”. Os/as queridos/as podem ainda exigir dos/das interessados/as que levem um objeto seu: roupas que valorizam uma parte do corpo, lingerie, roupas de banho, objetos de estimação e óculos escuros são alguns exemplos do que a apresentadora leva até o *cantinho* para a/o *querida/o* ver e escolher o que mais lhe agrada. Ainda no *jogo*, outro tipo de desafio proposto aos/às interessados/as consiste em fazer ou sofrer determinadas ações: morder o pescoço, medir a altura, fazer discurso político, examinar o nariz são exemplos das referidas ações.

Algumas vezes, antes de começar a disputa, os/as interessados/as fazem uma pequena apresentação, ao completar a seguinte lacuna: *eu sou o/a... e...*, o que é denominado de autodefinição. No final do *jogo*, podem ocorrer também os chamados tira-teimas, nome dado à disputa quando há interessados/as com o mesmo número de corações. Os tira-teimas, em geral, consistem numa última pergunta dirigida apenas aos/às candidatos/as empatados/as. Outra possibilidade de desempate é o/a próprio/a querido/a eliminar um/a dos/das interessados/as. Ao final do *jogo*, temos o/a primeiro/a eliminado/a do programa, o/a que obtém o menor número de corações. A seguir, por meio de exemplos do *jogo*, apresento as relações, as conexões e as rupturas entre amor, sexo/sexualidade, gênero e corpo que podem ser interessantes para pensar uma sexualidade juvenil contemporânea.

Provas de amor e fantasias sexuais

Jogo das queridas

Segundo o papo que nós tivemos com a Ana Paula, nós sabemos o que faz perder ou ganhar pontos com ela. Ana Paula é bem romântica. Qual a maior prova de amor que vocês dariam para ela?

Jogo dos queridos

Você e o Jeferson estão completando um ano de namoro, e, para comemorar a data, ele pede para vocês realizarem um antigo sonho dele: uma fantasia/fetichê. Qual fantasia vocês escolheriam para usar para ele?

Amor e sexo, ou amor *versus* sexo, são temáticas do *jogo*. Provas de amor e fantasias sexuais são alguns dos desafios propostos na conquista amorosa. São perguntas que têm a ver com agrados, que buscam saber o que os/as interessados/as seriam capazes de fazer pela/o *querida/o* num relacionamento.

No *jogo das queridas*, embora não haja o pedido por uma prova de amor específica, a afirmação de que ela é romântica direciona as respostas para o campo do amor romântico. Entre promessas de serenatas, composições de canções de amor e declarações públicas de amor, a *querida* escolhe a última, na qual o *interessado* afirma que faria uma homenagem a ela escrevendo *Ana Paula, eu te amo* num *outdoor*. “Onde?”, Fernanda Lima pergunta: “na Rebouças, onde não passa quase nada de carro?” O *interessado* concorda e até sugere outras, como a Marginal Pinheiros, ambas ruas movimentadas da cidade de São Paulo. As provas de amor, ao mesmo tempo que são direcionadas a alguém em especial, devem também ser conhecidas por outras pessoas, devem ser visibilizadas e admiradas. Declarações de amor em *outdoors* em ruas movimentadas são formas atualizadas de um cavalheiro anunciar seu amor por uma mulher ao mundo? A prova de amor só é legítima, num contexto atual, se ganhar ares de espetáculo?

A pergunta do *jogo do querido* Jeferson também poderia ser denominada de prova de amor, só que, distinta da prova de amor da *querida*, é direcionada ao campo sexual. Jeferson tem um fetiche: gosta de fantasia de *colegial*, ele afirma que *pira* com essa fantasia. Porém, essa não estava entre as respostas. Entre *mulher gato*, *coelhinha*, *espanhola* e *Julieta*, ele escolheu a *coelhinha*.

Em relação à temática amor e sexo, não tenho a pretensão de solucionar a questão ou mesmo afirmar que “amor é isso, e sexo é aquilo”. O que me interessa explorar é como esses dois elementos constitutivos da sexualidade se articulam e se distinguem culturalmente. As *queridas* pedem aos *interessados* provas de romantismo, do que eles seriam capazes de fazer para provar que são românticos, e os *queridos* pedem às meninas provas relacionadas ao erotismo. A mulher permanece do lado do amor, e os homens, do lado do sexo, o que parece que, “longe de operar uma ruptura absoluta com o passado histórico” (LIPOVETSKY, 2000, p. 15), estabelece um reciclamento contínuo. Reafirma-se a representação de que os homens são sexualizados e devem ofertar romantismo se quiserem agradar às mulheres; já, ao contrário, as mulheres, que são “naturalmente” românticas, devem expressar erotismo para encantá-los.

As garotas são (ou devem ser) portadoras de um corpo sedutor, carregado de sexualidade. Elas são convocadas ao prazer por meio do desejo e da fantasia dos garotos. Além da pergunta do *querido* Jeferson sobre fantasias, nos programas dos *queridos* Luiz e Lula, ambos apresentados como tímidos, foi colocada a seguinte questão: “O que vocês fariam para tirar a timidez dele?” As respostas das garotas, entre outras coisas, incluíram propostas de beijos, massagens, uso de fantasias. Como respostas vencedoras, houve as seguintes: “uma massagem”, “praia deserta e um lindo luar com estrelas” e “diria no ouvido dele: ‘relaxa, eu não mordo’”. Outras propostas de outros *jogos* consistiam em pedir que as meninas levassem lingerie ou roupas que valorizam uma determinada parte do corpo. Reafirma-se a conceptualização do masculino como o ativo na sexualidade; é como se os homens despertassem a sexualidade que reside no corpo feminino. A sexualidade feminina é

98 Niterói, v. 7, n. 2, p. 93-115, 1. sem. 2007

complementar à sexualidade masculina. Embora as garotas sejam representantes do amor e do romantismo, lhes são solicitadas práticas eróticas com o fim de agradar a seu parceiro. Diferentemente das moças virgens que se entregavam por amor, na contemporaneidade, as *interessadas* são convocadas a prometer espetáculos eróticos.

Talvez por isso o programa tome determinados cuidados em relação a esse tipo de pergunta. Observei que as fantasias sexuais são admitidas depois de um tempo no relacionamento e, supostamente, reservadas para momentos especiais, diferente das demonstrações românticas, pedidas nos programas das protagonistas femininas, que parecem poder acontecer em qualquer momento. Estas últimas, como são provas de amor românticas, parecem marcadas pela negação do sexual, e, então, não têm impedimentos morais. A nomeação do sexual é que põe limites – tem de haver um tempo (uma certa duração do relacionamento) ou clima que justifique a ousadia. No programa de Jeferson, a fantasia acontece depois de um tempo específico: após um ano e numa data comemorativa. Ainda que a relação amor e sexo seja apresentada, algumas vezes, como de oposição, em outras, como no caso de Jeferson, sexo e amor são entendidos como complementares.

No contexto do programa, o amor está associado com relações estáveis, e uma relação romântica parece ter ligação com o namoro. “Provas de amor” – sejam elas românticas ou eróticas – são compreendidas como estratégias (ou formas) de “tirar” essa relação da rotina. Elas falam de um dilema relativo a relacionamentos duradouros; nas palavras de Jurandir Freire Costa (1998, p. 11), “o amor quando é bom não dura e quando dura já não entusiasma”. As perguntas feitas pela apresentadora parecem supor que existe um relacionamento romântico, estável. Porém, essa relação romântica sofre desgastes, e a receita para tratar disso tem ingredientes diferentes para as garotas e para os garotos. O que quebra a rotina de um relacionamento, para a *querida*, é um ato grandioso de romantismo. O romântico, para elas, parece ser suficiente para estabelecer um relacionamento duradouro, ao mesmo tempo mantendo-o e tirando-o da rotina. Já o que quebra a rotina de um relacionamento para um *querido* são as ações eróticas.

A associação entre mulheres e histórias sentimentais e amorosas tem-se construído de forma naturalizada e universal. Na perspectiva de Anthony Giddens (1993), o romance, tal como se constituiu no século XIX, tanto expressou as mudanças nos relacionamentos quanto contribuiu para as suas modificações. As novelas, as histórias de amor, muitas escritas por mulheres, disseminaram-se por entre a população, fazendo com que as influências do amor romântico, que, num primeiro momento, estavam restritas à burguesia, fossem de alguma forma difundidas para a ordem social como um todo.

Desde os folhetins impressos em jornais da França no século XIX, que, ainda no mesmo século, se expandiram para países do mundo ocidental, as histórias românticas

cas, de acordo com Heloísa Buarque de Almeida (2002), direcionavam-se para o público feminino. Ou seja, as narrativas melodramáticas eram, desde essa época, associadas às mulheres, mesmo que em sua maioria fossem escritas por homens ou mesmo que tivessem um público masculino entre seus leitores. Isso não invalidava a feminilização da narrativa e seu direcionamento às mulheres

Se as produções culturais com histórias amorosas têm a ver com o feminino, na *Fica Comigo*, garotos e garotas ocupam lugares semelhantes na conquista amorosa: o papel de *querido/a* e de *interessada/o* é preenchido a cada semana por eles e elas de forma alternada. Se anteriormente as mulheres ocupavam quase invariavelmente o lugar de quem era cortejada, no contexto do programa, elas são ativas na conquista (algumas vezes, mais ousadas nas suas investidas do que os meninos). Pode-se afirmar que ocorre, então, uma maior fluidez nas relações de gênero com essa dinâmica?

O lugar de quem corteja, tradicionalmente considerado um lugar masculino, no programa é deslocado. Não sem algumas resistências: o *querido* Jeferson levou uma rosa para cada uma de suas *interessadas*. Pediu que Fernanda Lima entregasse as rosas e, antes disso, beijou cada uma das flores, que foram, então, dadas às *interessadas*. Outro exemplo, foi o do *querido* Lula, que preparou uma poesia para as *interessadas*: “*As melhores e mais lindas coisas do mundo/ às vezes não se pode ver/ elas devem ser sentidas assim com o coração./ Uma delas será aquela que eu escolher/ pois usarei meu coração/ para poder lhe conhecer*”. Ambos fizeram a corte às garotas parecendo “marcar território”. É interessante mostrar como – apesar de estarem no lugar de quem recebe a corte – esses rapazes recuperaram ou reafirmaram o papel de homem como conquistador, como agente, iniciador da corte amorosa. Apesar disso, tal como os outros *queridos*, não pareciam desconfortáveis pelo fato de também serem cortejados. Isso sugere que, em circunstâncias ou contextos diferentes, os sujeitos podem ocupar diferentes lugares. Ou talvez possamos pensar que, nos relacionamentos atuais, há uma maior flexibilidade nas posições de gênero e nas suas relações no que concerne à conquista amorosa/sexual.

As perguntas sobre provas de amor, assim como outras perguntas do *jogo das queridas*, não poupam as exaltações amorosas e as manifestações do amor romântico. O amor tem força. Nós estamos cercados por representações de amor, tanto na arte e literatura quanto na música, novelas e publicidade. Amar pode estar relacionado a sentimentos positivos, como o bem-estar, a plenitude, a felicidade e o prazer, mas também a tristezas, decepções e sofrimentos, já que o fracasso no amor pode significar “o pavor da solidão, o estigma do fracasso emocional, a exclusão do mundo dos felizes. São essas fantasias ou realidades morais que tornam eficientes alguns dos credos românticos, em especial os mais exaltadamente idealizados” (COSTA, 1998, p. 147).

A força e a autoridade demonstradas pelo amor romântico e seus clichês correspondentes estão ancoradas em três crenças, de acordo com o trabalho desenvolvido por Costa (1998, p. 13). A primeira crença, de que “o amor é um sentimento universal e natural, presente em todas as épocas e culturas”, pode ser resumida da seguinte forma: há provas de que, em todas as culturas conhecidas, existem relações amorosas, e isso, de alguma forma, coloca o amor como algo para além dos costumes e épocas. Ele é inquestionável enquanto um dom oferecido pela natureza. Ao afirmar-se o amor como um sentimento natural, ele é colocado como preexistente e para além de qualquer escolha racional, e não como uma construção cultural, o que impede pensá-lo de forma distinta e passível de mudança. A segunda crença relaciona o amor à felicidade: o romantismo, sendo uma espécie de marca registrada da sociedade ocidental, implica que o “amor é condição *sine qua non* da máxima felicidade a que podemos aspirar”. E, por fim, está a crença de que “o amor é um sentimento surdo à ‘voz da razão’ e incontrolável pela força da vontade” (COSTA, 1998, p. 13). Em relação a essa crença, Costa argumenta que a exaltação ao romantismo está na primazia dos sentimentos em detrimento das escolhas racionais: “[...] a fraqueza da racionalidade e da vontade é realçada e exibida como prova da indiferença do coração ‘às razões da razão’” (COSTA, 1998, p. 17). Somos colocados à mercê de nossos sentimentos, dos impulsos e do destino. Mas essa suposta aversão à racionalidade como um caráter transgressor do amor insere-se no ideário romântico: “sentimo-nos atraídos sexual e afetivamente por certas pessoas, mas raras vezes essa atração contraria os gostos ou preconceitos de classe, raça, religião ou posição econômica que limitam o rol dos que ‘merecem ser amados’” (COSTA, 1998, p. 17).

A oposição entre amor e sexo não é uma divisão neutra. Os trabalhos feministas têm demonstrado que a separação entre amor e sexo é generificada. Mulheres são identificadas com o amor, e homens, com o sexo. Stevi Jackson (1999) considera que o amor romântico, para as meninas, muitas vezes pode ser igual ao desejo sexual. Nas suas pesquisas com jovens adolescentes femininas, ele sugere que as garotas, ao relatarem o despertar sexual, buscam explicar e viver essa sensação como amor. Para muitas mulheres, amor e desejo sexual são mais próximos e associados do que para os homens. Ou melhor, as conexões entre amor e sexualidade são mais atribuídas às mulheres; já para os homens, sexo e amor são dissociados e, eventualmente, podem acontecer juntos. As conclusões da pesquisa de Jackson indicaram que as relações sexuais, para as jovens mulheres em particular, são ainda tensas, ainda reside o medo de serem exploradas sexualmente. Nesse contexto, “‘amor’ serve para validar a atividade sexual moralmente, esteticamente e emocionalmente. Um ato que pode ser ‘sujo’ transforma-se em alguma coisa bonita, mágica e prazerosa” (JACKSON, 1999, p. 103). O amor romântico pode ser o ocultamento de um desejo sexual na convenção romântica, principalmente em relação às mulheres, pois é o amor que quase sempre justifica o ato sexual.

Examinando a iniciação sexual entre as mulheres, Michel Bonzon (2003) observa que, independentemente da idade em que ocorre a iniciação, as garotas declararam que essa iniciação aconteceu com um parceiro pelo qual tinham amor. As dife-

renças quanto ao conteúdo e à abordagem entre as perguntas das *queridas* e as dos *queridos* do programa aqui estudado e selecionadas nesta seção estão conectadas à oposição binária entre o amor e o sexual e podem ser emblemáticas das diferenças das relações de gênero e sexualidade: de um lado, provas de amor, provas de romantismo e definições de amor propostas no *jogo* das *queridas*; de outro lado, fantasias, fetiches e propostas de cenas eróticas e insinuantes no *jogo* dos *queridos*.

A primeira vez

Além de grandes provas românticas, as meninas também questionam o comportamento dos *interessados* em situações que dizem respeito à primeira vez. As *queridas* investigam se seus pretendentes são gentis e cavalheiros, propondo que respondam questões relativas ao primeiro encontro, por exemplo. A questão pode ser proposta a partir de uma suposição: “Num primeiro encontro, o que vocês não fariam, o que seria pior?” Os *interessados* têm três opções para escolher como o pior comportamento: “Não buscar a querida (Renata) em casa”; “Não pagar a conta” ou “Sugerir uma “esticadinha” depois do jantar”. Nesse exemplo, todos optaram pela última resposta, e a *querida* concordou que efetivamente a pior opção seria *sugerir uma “esticadinha”*, o que não significa que as outras opções sejam boas. Elas são, talvez, mais toleráveis do que um comportamento que pudesse sugerir um encontro sexual na primeira vez.

Há uma preocupação entre as *queridas* de que não aconteça um primeiro encontro com relações sexuais. O formato da questão proposta também pode sugerir o quanto a representação de homem sem-vergonha e aproveitador ainda persiste, principalmente se levarmos em conta outras perguntas das meninas, tais como: “Um homem que respeita as mulheres é aquele que...”, “Eu não sou sem-vergonha porque...”, e outras desse tipo, que são indicativas e constitutivas dos conflitos de gênero nos relacionamentos.

Um primeiro encontro, para ser considerado romântico, deve ter respostas “sem malícia”, que não sugiram intimidade física. A aproximação deve ser tímida, jamais explícita. Um encontro romântico, tal como concebido aqui, parece manter ideais e aspirações que o colocam além de uma relação carnal. Para ser diferenciado da atração sexual, o romântico deve ser *desinteressado* e exaltar os sentimentos.

Como já vimos, a relação entre as mulheres e o amor romântico é complexa e paradoxal. Historicamente, as mulheres foram submetidas a normas masculinas, na maioria das vezes opressoras e silenciadoras dos desejos e falas femininas. No entanto, o amor romântico trouxe para a mulher uma certa ascendência na relação amorosa, pois, na medida em que a união passou a estar calcada no amor, elas passaram a ser consultadas. Isso pode ser compreendido como uma forma de exercício de poder, em que este se expressa, tal como demonstrou Foucault (1985), por práticas heterogêneas, móveis e maleáveis que permitem o surgimento de diversas formas de

102 Niterói, v. 7, n. 2, p. 93-115, 1. sem. 2007

dominação e resistência. A relação amorosa torna-se o eixo central de um relacionamento duradouro entre um homem e uma mulher, e as bases do estabelecimento de um vínculo são situadas nas qualidades do próprio relacionamento. De que amor se trata? É um amor que justifica os relacionamentos mais permanentes, os casamentos, e é por meio dele que se atinge a felicidade.

Quando o amor tornou-se o elo do matrimônio, quando casar por amor passou a ser uma prática comum, as mulheres tiveram a possibilidade da recusa, de dizer não. A união pelo matrimônio exigia, então, uma consulta prévia à mulher. O amor implica reciprocidade e, de certa forma, escolha de ambos: homens e mulheres. Por que as mulheres não seriam defensoras do amor romântico se isso de alguma maneira lhes acenava com o poder? Essa liberdade relativa, adquirida a partir da união do amor com o casamento, poderia ser uma das razões, diz Alfredo Jerusalinsky (2004), que levaram as mulheres à difusão do romantismo. Mesmo considerando que as mulheres eram submetidas à autoridade masculina, elas passaram a expressar afirmativas ou negativas às demandas amorosas. Do mesmo modo, neste programa de TV, a *querida*, ao selecionar a melhor resposta, indica o que lhe agrada e o que lhe desagrada e determina vencedores e perdedores. Com isso, o *Fica Comigo* recria, em forma de jogo, o romantismo feminino e o poder de escolha da *querida*.

Em relação à primeira vez, os *queridos* abordam o momento certo de transar, ou seja, eles questionam as *interessadas* quanto ao momento ideal de ter relações sexuais e quanto ao ter ou não iniciativa. As questões apresentam alternativas como as seguintes: “Vocês estão juntos há duas semanas, e, numa visita que você faz à casa dele, está com vontade de transar: a) Vai até o fim; b) Curte o momento e na hora H cai fora; c) Corta o clima”. Ou: “Tu e o Vinícius estão ficando juntos há pouco tempo. Tu te sentes bem, e, quando ficam sozinhos, rola aquela vontade de ir até o fim, de transar. Se rola um clima, uma vontade de transar: a) Espera ele tomar iniciativa; b) Deixa o clima esquentar, mas depois se faz um pouco de difícil; c) Mostra pra ele que está a fim”.

Quanto à primeira pergunta, o *querido* entende que a garota escolheria a resposta b, “Curte o momento e na hora H cai fora”. Ele afirma que gosta de ir tentando. A apresentadora retruca: “Até quando?” Quanto à segunda questão, o *querido*, apesar de escolher a alternativa que estimula a iniciativa, a letra c, faz ressalvas quanto à sociedade ser machista e o quanto isso dificulta a iniciativa das mulheres nas relações sexuais. Vinícius argumenta que as mulheres devem se posicionar e lutar contra os tabus. Uma das *interessadas* tomou a palavra e disse o quanto isso ainda é difícil. A maioria das *interessadas* optou por não tomar a iniciativa.

As perguntas dos *queridos* não abordam a virgindade feminina, mas sim o transar pela primeira vez com uma determinada pessoa, o momento ideal num relacionamento. Independentemente das diferenças entre as respostas, o que é interessante registrar são os tabus em relação às mulheres quanto à iniciativa e à demonstração do desejo. Além disso, a idéia de menina “difícil” ainda persiste. Mesmo que

não se fale em moral, a idéia de não ceder num primeiro momento parece dar um certo sabor à relação, tornando-a mais excitante, o que, de algum modo, mantém intactas categorias sexuais tradicionais.

Essas questões no *jogo* que remetem à primeira transa no relacionamento podem ser indicativas dos lugares fixos que ocupam meninas e meninos. A elas, cabe esperar, e, aos meninos, cabe a obrigação de tomar a iniciativa. Pelo menos é isso o que parece indicar a pergunta sobre virgindade proposta por uma *querida* aos seus *interessados*:

“Você está saindo com uma virgem de 20 anos. Qual a atitude de vocês? a) Se empolga e faz de tudo para ser o primeiro; b) Acha muita responsabilidade tirar a virgindade dela; c) Não acredita que alguém seja virgem com 20 anos de idade”.

A virgindade não parece ser um valor para os/as participantes, embora ninguém tenha escolhido a última opção, que ironiza a condição de virgem e a considera ultrapassada. O que interessa nessa questão é que ela trata sobre a primeira vez na vida de uma menina, e não a primeira vez dos *interessados*. Em relação a esses últimos, interessa o comportamento de tomar ou não a iniciativa diante dessa condição. A iniciativa é fortemente colocada no pólo masculino nessa pergunta, pois, para os meninos, a dúvida sobre tentar ou não ser o primeiro se relaciona à sua avaliação sobre a experiência da parceira e envolve uma situação especial (uma virgem). Isso nos leva a supor que, rotineiramente, é óbvio que eles podem/devem ter a iniciativa. Além disso, entre as respostas, não existe a alternativa de esperar a iniciativa da moça virgem.

Mesmo sendo uma situação especial, a *querida* achou que eles não deveriam ter dúvidas. No caso, a *querida* opta pela iniciativa deles, eles devem tentar. Dois marcaram pontos, escolheram a opção coincidente com a *querida*; outros dois acharam muita responsabilidade. Nesse caso, a virgindade, embora seja colocada como tema, indica que o tabu não está propriamente no ser virgem e na preservação desse estado, mas sim na iniciativa masculina. Além disso, é interessante registrar que a metade dos *interessados* optou por não tentar, demonstrando possivelmente mudanças nas relações masculinas com a sedução.

É interessante registrar ainda outra pergunta sobre este aspecto, proposta para as garotas. “Durante um namoro, o que vocês podem fazer sem problemas: a) Beijar na boca na frente dos pais; b) Voltar bem tarde para casa; c) Dormir na casa do namorado nos finais de semana; d) Viajar com o namorado”.

O *querido* afirma que essas quatro opções deveriam ser permitidas. Garota com liberdade de ir e vir é o tema geral da pergunta, o que está pressupondo sexo com o namorado, mesmo que isso não seja explicitado, principalmente nas duas últimas alternativas, *dormir na casa do namorado* e *viajar com o namorado*. A grande

vencedora foi uma *interessada* que respondeu sim para todas as alternativas. As outras responderam sim para três alternativas, excluindo apenas dormir na casa do namorado. A opção dormir na casa do namorado explicita a relação sexual; portanto, sobre ela, parece haver um certo controle da família. O lidar com a família e suas regras parece estar previsto no caso das meninas.

As respostas indicam que transar, ou melhor, admitir a liberdade sexual das meninas para a família ainda é um tabu ou, pelo menos, exige algum disfarce: voltar tarde, viagem. Perguntas desse tipo só podem ser dirigidas às meninas, que desde sempre tiveram sua liberdade sexual cerceada e controlada pela família e sociedade. Nesse aspecto, a questão é semelhante às anteriores sobre o momento certo de ter relações sexuais. Porém, diferentemente dessas últimas, pressupõe liberdade e iniciativa das meninas.

É interessante registrar que a viagem parece ter outros atrativos além de ser lazer. A viagem, além de ser muito apreciada por todas e todos, parece estar relacionada com uma forma de ter liberdade sexual e também com a disponibilidade de ir e vir sem cerceamentos. Ninguém tem dúvidas quando a opção de viajar se coloca. São perguntas que contradizem os cuidados tomados em relação à iniciativa da primeira transa. Mesmo que não se refiram a uma relação sexual, podemos pensar que é bem provável que haja possibilidades quanto a isso. Essa questão torna-se interessante na medida em que observamos alguns itens de vocabulário utilizados pelos(as) jovens no programa, como, por exemplo:

Fernanda Lima: [...]Ela está à procura de um namorado que tope tudo!! O que é topa tudo? Querida Fernanda: É pegar o carro às 3h da manhã e ir para a praia.

Fernanda Lima: Como tem que ser uma menina para ti?

Marcelo: [...]Carinhosa, liberal e que bata comigo.

FL:- Liberal até que ponto?

M:- [...] É que possa viajar, sair, essas coisas.

Fernanda Lima: [...] O que é um relacionamento aberto pra ti? Qual é o limite?

Márcio: Um relacionamento aberto seria assim... sem ficar dando satisfação, uma coisa mais sincera, sem rolar aquele ciúme estressante, uma coisa assim, gostosa, um convívio gostoso com a pessoa que estiver ao seu lado.

Esses são alguns fragmentos de conversas entre a apresentadora e *queridos(as)* em que podemos observar as mudanças de sentidos de expressões relativas ao relacionamento amoroso/sexual. Liberal, topar todas, relacionamento aberto parecem aqui estar muito distantes dos significados que tinham em décadas anteriores, quando alguns desses termos indicavam uma contraposição a modelos de relacionamentos opressivos. Isso indica que, apesar de a linguagem não ser pessoal e privada, os indivíduos podem alterá-la, fazendo-a ter sentidos diversos em diferentes momen-

tos. Mudanças de vocabulário ou mudanças de sentidos constituem as mudanças entre o ser humano e o seu mundo. A linguagem é crucial nas nossas relações sociais, pois organiza nossos encontros com o mundo, e o nosso vocabulário diz quem somos e o que somos. A linguagem constitui os fatos, e não apenas os descreve ou os relata (BELSEY, 2002).

A linguagem não traz certezas: no que se refere à sexualidade, quanto mais aproximamo-nos desta, mais evidencia-se seu caráter ambíguo. Se, por um lado, há uma insistência na estabilidade dos significados atribuídos à sexualidade, por outro, ela revela-se com uma linguagem imprecisa: “[...] a linguagem do sexo é tão imprecisa, tão polivalente, que é ‘difícil’ saber quando estamos falando sobre sexo e quando estamos falando sobre negócios ou política ou outras questões importantes” (PATTON apud BRITZMAN, 1999, p. 87).

O que esses fragmentos parecem indicar é que termos como liberal e relacionamento aberto podem ter perdido, em parte, sua conotação de liberdade sexual, e, estão, agora, relacionados a possibilidades de ir e vir, significam a livre vontade dos indivíduos, semelhante ao indivíduo conclamado no site da MTV: livre e desimpedido, sem compromissos. Tais mudanças não são acidentais, elas expressam as definições, as crenças e comportamentos dos indivíduos, elas fazem essas novas definições acontecerem e desafiam-nos a novas questões sobre as formas de viver a sexualidade.

As temáticas selecionadas a partir do *jogo* são representativas de tudo isso. Junto a citações de práticas românticas tradicionais, é possível observar deslocamentos, mudanças nas formas de os(as) jovens relacionarem-se com a sexualidade e conseqüentemente com o amor.

Ainda no *jogo*, em outros momentos, as perguntas sobre questões referentes à sexualidade e ao erotismo aparecem em forma de brincadeira e de maneira não tão direta quanto nas perguntas anteriores. As brincadeiras de mordidas no programa da *querida* Cacau podem ser um exemplo nessa direção. Os *interessados* aproximam-se e mordem Cacau, alternando o lado do pescoço, devido aos gostos inusitados da *querida*: mordidas, vampiro, terror. É um erótico permeado por um tom infantil, um tom de brincadeira. Depois que cada um morde, há sempre um comentário: “Doeu?” “Foi bom?” “Uau!!” “Acho que ele pegou uma veia, acho que ele é vampiro, tá ficando marcadinho.” E Cacau conclui com o comentário: “Eles estão bem de mordida!”

Esses desafios, assim como outros, são questões que circulam no programa e parecem retirar o peso que o sexo e a sexualidade usualmente têm quando o assunto são as relações estáveis e tradicionais. Além de as questões não se diferenciarem quanto aos gêneros (masculino e feminino), observo que as meninas parecem mais decididas do que os meninos nas repostas; elas não aparentam ter dúvidas sobre o que dizer e como agir.

106 Niterói, v. 7, n. 2, p. 93-115, 1. sem. 2007

Com esses exemplos, seria o caso de questionar se fora do enquadramento das relações tradicionais, as relações de gênero se desvanecem. Ou, pelo menos, os gêneros estariam menos hierarquizados? Além disso, seria possível concluir que o sexo é menos importante do que foi em outros momentos para os(as) jovens? Ou, como diz Sant'Anna (2002, p. 105-106), "a vontade de saber sobre o sexo, [...], vem cedendo espaço para a imensa avalanche provocada pela vontade de manter o corpo sexualizado, jovem, potente e no controle de todas as situações"? E, se tudo isso está acontecendo, qual é o seu significado?

Ciúmes e traição

A avaliação dos agrados românticos, dos agrados eróticos e dos comportamentos na primeira vez são temperados com problemáticas características de uma relação amorosa, tais como ciúme e traição. Num programa em que questões como fidelidade *versus* traição, sinceridade *versus* mentira são exaustivamente colocadas e em que os primeiros elementos desses pares binários são apontados como fundamentais para um bom relacionamento, os dilemas que envolvem esses temas tornam-se polêmicos.

Os *interessados* em Carol, aspirante à formação universitária em Engenharia Elétrica, foram questionados quanto ao ciúme, com base na suposição de que tal curso seja mais freqüentado por homens. Como seria esta situação para os *interessados*? As aspirações e as escolhas profissionais das *queridas* entram de muitas formas no *jogo*, e uma dessas formas está em relacionar tais aspirações e escolhas a questões amorosas/sexuais.

A mesma temática, ciúme e profissão, também foi trazida no programa de Mariana. A pergunta supunha que os *interessados* estariam atuando como modelo. "Você é convidado para fazer um comercial, o cachê é cinco vezes maior do que você ganha num mês, só que tem que fazer uma cena de sexo, e você não sabe se sua namorada, no caso, a Mari, vai aprovar. O que você faz? a) Comunica à namorada e aceita o convite de trabalho, qualquer que seja a opinião dela; b) Pede permissão pra namorada e só aceita se ela deixar; c) Nem topa porque não seria capaz de fazer cena de sexo com ninguém que não fosse tua namorada." Mariana queria testá-los, já que pretende cursar artes cênicas e não tinha a intenção de recusar um convite de trabalho com esse tipo de cena. Foi a opção pela letra c que gerou mais polêmica. Os meninos comentaram: "Cena de sexo, só com alguém que eu amo, acima de tudo tem que ser fiel." A *querida* retrucou: "Se eu fosse convidada para fazer uma cena de sexo, você não deixaria?" Um *interessado* responde: "Desculpa, Mariana, mas acho que não." Fernanda Lima pondera com os que optaram pela letra c, dizendo que, se fosse sexo com quem se ama, não seria uma cena, seria sexo real. Apesar de estar envolvida em uma história, numa situação de trabalho em que se recebe um montante em dinheiro, a cena de sexo acaba gerando conflito. A cena de sexo caracterizou a pergunta como um limite entre o ciúme e a traição.

Niterói, v. 7, n. 2, p. 93-115, 1. sem. 2007 107

As questões são exemplos de choque entre registros distintos. Ao mesmo tempo que esse impasse entre os(as) participantes é indicativo da importância do trabalho no campo feminino, também aponta para a reatualização de problemáticas de relacionamentos tradicionais. Ambas as situações aqui apresentadas de ciúme e trabalho das *queridas* trazem o dilema (feminino) entre a dedicação ao casamento (ou a união amorosa) e à profissão. Uma das peculiaridades dessa questão é pôr em pauta o caráter doméstico/privado X profissional/público que está associado tradicionalmente ao feminino X masculino.

Esses binômios tornam-se mais evidentes se observamos a pergunta sobre trabalho quando dirigida aos *interessados*. O poder de escolha que a *querida* exerce relaciona-se ao quanto os *interessados* são românticos e também às suas atitudes frente à situação de trabalho: “*Você está namorando e, quando percebe que está apaixonado, recebe uma ótima proposta de trabalho em outro estado. O que você faz? a) Não aceita a mudança; b) Mantém o relacionamento e aceita a proposta de trabalho; c) Termina com a namorada e aceita o trabalho.*” Mesmo apaixonados, todos optaram por aceitar o trabalho e manter o relacionamento. Inclusive, a *querida* Ana Paula comentou: “*Nem tudo é relacionamento, tem também a preocupação com o futuro.*” É interessante registrar o quanto o trabalho, na atualidade, parece balançar os ideais românticos. Embora a opção escolhida por todos seja de conciliar a relação amorosa e o trabalho, há uma preocupação evidente em garantir o trabalho.

É inegável que as mulheres, por meio de lutas sociais, têm modificado as relações de gênero no mundo do trabalho, na vida doméstica, nas relações sexuais e em outros espaços sociais. Isso também é visível no *Fica Comigo*. As garotas, em geral, são estudantes universitárias com aspirações profissionais além do lar, apostam na carreira e colocam-se como pessoas que têm desenvoltura com as práticas de sedução. Com todas essas mudanças, no entanto, parece que ainda persiste a divisão clássica de gênero quando o assunto é assentado nas relações de amor. Serão estas um reduto clássico de distinções de gênero, apesar de todas as mudanças indicarem o afrouxamento dessa divisão?

Um dos aspectos exaustivamente citados no programa é a questão da fidelidade e da sinceridade em relações estáveis. No que se refere à traição, foi feita a seguinte pergunta: “*Gurias, seu namorado passou dois meses fora do Brasil e, durante a viagem, ele ficou com uma outra guria. Assim que ele volta, ele abre o jogo com vocês e diz que só te traiu porque ficou muito sozinho e carente, mas ele ainda quer ficar contigo. Valendo dois corações, o que vocês fazem: a) Se não for sério, não deveria ter contado; b) Continua o namoro, afinal, não foi nada muito sério; c) Termina com ele, pois, se ele gostasse de você, não teria traído.*” Outra questão formulada dentro desse tema foi: “*O que você faria se tivesse traído seu namorado: a) Contaria pra ele; b) Omitiria e só falaria a verdade se ele te perguntasse; c) Mentiria até o fim, mesmo se ele desconfiasse.*” Fernanda Lima comenta: “*É uma situação*

complicada, mas às vezes pode acontecer, um desvio, uma festa, está longe. Enfim, aconteceu. De que forma vocês reagiriam? A verdade acima de tudo!" [risos].

Essas duas perguntas sobre traição pertencem ao *jogo dos queridos*. Poderíamos afirmar, num primeiro momento, que isso tem a ver com o fato de a infidelidade historicamente estar mais associada aos homens, sendo também mais tolerada quando exercida por eles; portanto, seria por isso que tal tema estaria no *jogo* deles e não no delas. Porém, se observarmos as perguntas, a primeira situação referiu-se ao namorado trair a namorada e, na segunda situação, as *interessadas* foram colocadas como aquelas que cometeram a traição. Ou seja, as perguntas foram posicionadas de forma diferente, e está pressuposto que a traição pode ocorrer tanto com eles quanto com elas. Mas isso, de forma nenhuma, torna a traição uma coisa simples. Essa é uma das temáticas do relacionamento mais inflexíveis para o *Fica Comigo*. Chego a afirmar, como disse o *querido* Lula, encerrando a polêmica sobre trair e perdoar: "*Traição não tem perdão!*"

Parece interessante observar que as perguntas antes registradas partem de situações em que a traição já aconteceu (não se trata de possibilidades de trair). Tais situações, "*já acontecidas*", devem agora ser julgadas por *queridos* e *interessadas*. Se a traição fosse colocada como uma possibilidade, um desejo ou mesmo uma necessidade por motivos "*nobres*", tais como carência e solidão, seria praticamente impossível que alguém entre eles e elas pudesse admitir que a cometeria. E, se entre as opções de respostas, tivesse uma que incluísse resistir à tentação a qualquer custo, provavelmente seria a resposta escolhida. Para que o *jogo* se torne possível (ou, enfim, para que se coloque a questão e suas alternativas) parece indispensável que a traição seja apresentada como um "*fato consumado*".

Note-se que as perguntas, embora pressuponham a traição já cometida, são temporalmente distintas. Na primeira, além do ato de trair, já está explicitado o que foi feito depois disso pelo namorado traidor: ele contou para a namorada quando voltou da viagem. Na segunda, o problema se situa em um momento anterior, em que ainda é necessário decidir qual será o próximo passo: contar, contar apenas se ele perguntar ou negar. A primeira remete ao dilema de perdoar ou não, e a segunda, anterior ao pedido de perdão, ainda oferece a possibilidade de contar ou omitir.

Enquanto um *querido* supôs que as *interessadas* escolheriam a letra c, ou seja, terminar com ele, pois, se ele gostasse de você, não teria traído, mesmo sendo ele, hipoteticamente, o traidor, o outro *querido* pressupôs que as garotas escolheriam a opção mentir até o fim, mesmo se ele desconfiasse. Apesar de as preferências dos *queridos* para as questões serem aparentemente opostas, as motivações para elas partiram do mesmo pressuposto. O último também acredita que trair não pode, a mentira é a pior coisa de um relacionamento. Então, em caso de traição, a única alternativa seria negar, pois, se não fizessem isso, o namoro terminaria. Nesse caso, a mentira é, ao mesmo tempo, o fim e a manutenção de um relacionamento.

Quanto à primeira pergunta, duas *interessadas* concordaram com o *querido* e duas optaram por perdoar a traição. Ninguém escolheu a alternativa de não contar. Em relação à segunda questão, nenhuma *interessada* ganhou pontos, pois ninguém escolheu a opção coincidente com a do *querido*, de negar e mentir até o fim. As quatro *interessadas* optaram pela letra a, ou seja, contariam para o namorado. As *interessadas* jamais responderiam qualquer coisa que implicasse omitir ou negar. A apresentadora, antes de ver as respostas, demonstrou saber que ninguém responderia negar, elas jamais escolheriam algo que fosse contra a verdade, mesmo que o traído não quisesse saber. Quando as *interessadas* viraram as lousas, todas com a letra a, a platéia ri e repete: “A!!! A!!!” Com isso, a platéia informa para o *querido* qual foi a resposta ao mesmo tempo em que lamenta ninguém ter feito pontos e parece duvidar de tanta sinceridade e de nenhuma dúvida das meninas quanto ao fato de que devem contar.

Somos uma sociedade marcada pela “confissão”, afirma Foucault (1985). Em relação a perdoar ou não, pode haver vozes discordantes, podem ser permitidos alguns deslizes nas respostas; porém, sobre o ato de contar (confessar), não parece haver dúvidas. Esse é um tipo de questão que aposta na sinceridade, sempre, apesar das conseqüências. O que parece curioso é que neste caso nem a sinceridade – o falar sobre a falta cometida – tem o poder de libertar o confessor. Mesmo praticando o ato da confissão após o pecado, ele ou ela não receberia absolvição. Confessar a traição significa também acabar com qualquer possibilidade de continuidade do relacionamento. A mentira ou a omissão são as únicas formas de poder trair e não perder a(o) namorada(o).

Como a traição é julgada num relacionamento entre esses(as) jovens? E não vejo termo melhor do que julgamento, pois implica confessar, perdoar ou não, negar até o fim. Independentemente das opções, a traição é considerada grave e imperdoável num relacionamento, não importando as circunstâncias que a tenham gerado. A própria palavra utilizada pelos(as) jovens, “trair”, carrega o peso de um ato imperdoável. Como contrapartida, a fidelidade é algo precioso. Daí que fidelidade talvez seja um dos maiores diferenciais entre um relacionamento estável e duradouro e um relacionamento transitório.

O grande amor, o romantismo e sua idéia de completude banem do campo toda e qualquer flexibilidade quanto à fidelidade. Esta não se refere só às leis, mas aos sentimentos, e, nesse caso, o vínculo estável exige exclusividade. Eu diria que, às vezes, é possível perceber na fala dos(as) jovens um recrudescimento das leis da monogamia. No *Fica Comigo*, os(as) jovens exaltam os sentimentos e os sonhos apaixonados. Algumas vezes, eles e elas parecem achar que um determinado modelo de relação está sendo perdido, que em algum lugar do passado havia mais felicidade entre homens e mulheres nas suas relações afetivas. Aliás, muitos(as) dizem sonhar com amores miraculosos, como um destino que ainda está por ser cumprido. Embora possamos afirmar que jamais existiu uma idade dourada ou que tal busca de

um passado mitificado nos diz mais acerca de confusões do que de glórias, tais crenças podem ter efeitos.

O amor é um lugar de questionamentos sobre os nossos sentimentos: “Como eu me sinto em relação ao outro? Como o outro se sente a meu respeito? Será que nossos sentimentos são ‘profundos’ o bastante para suportar um envolvimento prolongado?” (GIDDENS, 1993, p. 56). O que deve manter o relacionamento são as qualidades da relação.

Se a traição acontece, é porque o amor acabou, e, quando o amor acaba, termina a relação. E aqui reside um aspecto importante do amor. Costa (1998) comenta algumas reflexões de Otávio Paz sobre a “liberdade de escolha”. Ela é, ao mesmo tempo, um dos principais aspectos do amor, já que a pessoa amada deve ser livre para nos desejar, e também é contraditória, pois, sendo livre, pode escolher outro. Quer-se alguém de livre e espontânea vontade, alguém que seja livre para nos amar, mas esse alguém livre também pode amar outro e deixar de nos amar.

Diferente do adultério, até bem pouco tempo penalizado pela lei, a sinceridade e a fidelidade estão atreladas ao amor, aos sentimentos. Se existe amor, não pode existir traição e engano; pode-se ser fiel aos sentimentos, e não propriamente às pessoas ou a alguma instituição social. Uma idéia relativamente nova, colocada pelos ideais do amor romântico, é a responsabilidade da realização pessoal num relacionamento como o casamento. É central o conceito de amor para a manutenção da monogamia heterossexual e para a concepção de família nuclear. A eleição de um(a) parceiro(a) deve estar ditada por uma atração e uma compatibilidade sexual, e o centro da decisão matrimonial situa-se no amor: “O amor ocidental, de uma forma raras vezes encontrada na história, tenta combinar escape sexual, amizade afeiçoada e funções familiares procriativas num único relacionamento” (HUNT apud COSTA, 1998, p. 148).

As análises culturais sobre o amor romântico têm centrado suas atenções sobre as relações entre este e o casamento. O fato de o amor ser condição necessária para o casamento é identificado como uma particularidade das sociedades ocidentais modernas. Ou seja, o romantismo instalou o ideal de que casamento e amor seriam inseparáveis e deveriam marchar juntos. Essa relação estreita entre eles é fundamental na medida em que o amor romântico e sua idéia de exclusividade – o casamento monogâmico –, a sociedade ocidental moderna e a família são corolários (JACKSON, 1999).

Aliás, é sobre esse aspecto que Giddens (1993) aponta a diferença entre amor romântico e amor *passion*. Embora o amor romântico possua alguns aspectos deste último, ele difere em sua conexão e aceitação social. O amor *passion*, diz o autor, “tem sido sempre libertador, mas apenas no sentido de gerar uma quebra da rotina e do dever” (GIDDENS, 1993, p. 50), portanto, essa forma de amor não está ade-

quada às instituições, não é interessante enquanto sentimento para a concretização do casamento, não se relaciona a um vínculo conjugal duradouro, e a maioria das culturas é resistente a ele. É nesse sentido que o amor romântico difere da paixão. O amor romântico tem sido uma força social no sentido de que está adequado às instituições existentes desde o século XVIII até períodos recentes. Inicialmente, o amor pode e deve ser apaixonado, marcado pela atração sexual. Porém, com o tempo, ele toma determinados contornos e compromissos, como a reprodução da família e a criação de filho(as).

A traição está entre as queixas dos(as) jovens que justificam a dificuldade de terem um namorado(a). Admitir a traição ou perdoá-la, nesse contexto, parece estar mais ligado a um tipo de relação que eles(as) supostamente não querem mais, ou seja, a relação descomprometida, sem exclusividade do(a) parceiro(a). As questões sobre traição, ou melhor, a rigidez em relação a ela podem ser pensadas, talvez, no mundo contemporâneo, como consequência da aids e seus riscos maiores em caso de se terem mais parceiros(as). Mas também pode estar relacionada com o fato de os casais estarem mais exigentes, na medida em que interromper uma relação insatisfatória coloca-se no seu horizonte de possibilidades, tal como comprova o aumento das taxas de divórcio e de separações (BONZON, 2003).

Embora não possamos afirmar o fim das esperanças românticas e a falência do amor, essas taxas também podem significar que as pessoas não permanecem mais em relações que, de alguma maneira, não lhes trazem satisfação, o que é demonstrativo de um maior ceticismo ou descrença quanto à durabilidade dos relacionamentos. Os casamentos acontecem em uma ou mais tentativas, e isso pode indicar o quanto as pessoas estão decididas a não viver sem amor: “a maioria das pessoas ainda se casa, e essa característica-chave da heterossexualidade institucionalizada não parece estar ameaçada. Mas, em uma considerável medida, a idéia de que o casamento é para toda a vida parece ter sido abalada” (WEEKS, 1999, p. 77-78). Ou seja, os índices de separação são demonstrativos da contingência e transitoriedade dos laços formais e legais e dos relacionamentos amorosos não-institucionais. Embora o casamento não seja abordado no programa, os(as) jovens parecem desejar instalar-se em uma relação fixa e fiel. Elas(es) buscam encontrar um par mais de acordo com suas expectativas e viver com ele ou ela uma relação prolongada a dois calcada na qualidade dos sentimentos.

O jogo de afinidades prossegue no programa *Fica Comigo* com um número extenso de perguntas que falam de gostos, lazer, comportamento e propiciam o “marketing pessoal”. Indaga-se sobre o *show* a que se levaria o *querido*, a banda preferida, pede-se que se escolha a trilha sonora para um churrasco, para ficar em casa namorando e para uma balada, que se diga o que fazer num dia de domingo, que se defina o que é um bom companheiro de viagem, que se diga para que lugar levaria o *querido* caso tivesse uma máquina do tempo. Pede-se ainda que escolham um país para viajar, definam como se comportam nas baladas e danceterias, quais

características ou comportamentos que não suportam ou que fazem a pessoa perder pontos, observar os óculos que usam, uma foto da roupa que estão usando no programa, exame de nariz, medições de altura, olhar calções de banho, óculos, foto de roupa, algum objeto de estimação, desenhar as cuecas, responder o que é cafo-na, o que fariam para ficar mais bonitos, responder sim ou não frente a determinados usos, como anel, brinco, gel, sapato sem meia, para observar o grau de vaidade, gostos musicais, dizer o nome de um livro que leram ou estão lendo, dizer personalidades que admiram ou não, pseudônimo que usam na Internet e texto que fariam para chamar a atenção, entre tantas outras que indicam formas de viver prazerosa, com lazer, diversão e bom gosto, e a importância de o(a) parceiro(a) escolhido(a) compartilhar tais qualidades.

Vimos que a estrutura do programa contém a apresentação de candidatos(as) e um desenrolar de situações nas quais estes(as) concorrem para serem escolhidos(as). Junto com essa estrutura, há um formato fragmentado, de rapidez de questões e de respostas curtas. A linguagem utilizada pelos(as) jovens para falar de si e o formato do programa não se aproximam de uma extensa confissão ou mesmo de longas narrativas dos prazeres; em vez disso, trata-se de uma linguagem fragmentada, rápida, uma linguagem própria de videocliques, traço marcante da MTV. O programa parece oscilar “entre a nostalgia do ritual e a fantasia da grande simplificação” (BRUCKNER, 2002, p. 87).

Jeffrey Weeks (1993) assinala que vivemos, em relação à sexualidade, algo que pode ser experimentado como uma espécie de “vazio moral”, ou seja, de indefinições e incertezas: de um lado, saberes, hábitos, crenças e comportamentos que têm se mostrado, crescentemente, inviáveis; de outro, possibilidades de novas formas de pensar, interferir e viver o corpo, o gênero e a sexualidade. Essas incertezas, ao mesmo tempo que alavancam alguns indivíduos e grupos em direção ao novo e ao inusitado, também têm gerado, em outros, um temor que alimenta o desejo de voltar a algum lugar do passado, a uma natureza original que teria sido extraviada em algum momento.

Em alguma medida, as mudanças produzidas pelas transformações do corpo, do prazer e da sexualidade não têm deixado de fora as relações tradicionais. Elas acoplam-se ao “novo”, embora, ao mesmo tempo, seja possível afirmar que tais mudanças são perturbadoras das tradicionais formas de viver e relacionar-se. No *Fica Comigo*, a reverência ao amor romântico anda de mãos dadas com a capacidade de o(a) jovem fazer seu marketing pessoal, que tem a ver com a capacidade de saber responder de forma rápida e pragmática, saber apresentar-se e mostrar-se como uma pessoa saudável e feliz. As práticas amorosas/sexuais da juventude contemporânea carregam os rastros do amor romântico, seus clichês e fórmulas e, ao mesmo tempo, instituem novas formas e linguagens para os encontros e trocas entre os sujeitos.

Abstract: This paper analyzes a dating TV program called Stay with me, aired by MTV. The article aims at discussing possible relationships between media culture, youth, love relationships, and juvenile sexualities. In the program, traditional relationships grounded on romantic love mix with other more contemporary relationships in a media space. To some extent, changes produced by transformations in terms of body, pleasure, and sexuality have not excluded traditional relationships. These have been attached to the "new", although at the same time it is possible to claim that such changes have disturbed the traditional ways of living and relating to others. This has enabled us to think that affective and love dates among youths are undergoing a change process, which may indicate the uncertainties that characterize contemporaneity, and not just the restating of a given past.

Keywords: youth; media; sexuality.

Referências

- ALMEIDA, Heloísa Buarque de. Melodrama comercial-reflexões sobre a feminilização da telenovela. *Cadernos Pagu*, Campinas, SP, n. 19, p. 171-194, 2002.
- BELSEY, Catherine. *Poststructuralism: a very short introduction*. New York: Oxford, 2002.
- BONZON, Michel. Sexualidade e conjugalidade: as reformulações nas relações de gênero. *Cadernos Pagu*, Campinas, SP, n. 20, p.131-156, 2003.
- BRITZMAN, Deborah. Curiosidade, sexualidade e currículo. In: LOURO, Guacira (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. p. 83-112.
- BRUCKNER, Pascal. *A euforia perpétua: ensaio sobre o dever de felicidade*. 2. ed. Rio de Janeiro: Difel, 2002.
- BRUSCHI, Michel Euclides. *Quando o Titanic encontra o iceberg: o choque entre o amor real e hiper-real em tempos pós-modernos*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pós-Graduação em Psicologia, Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.
- COSTA, Jurandir Freire. *Sem fraude nem favor: estudos sobre o amor romântico*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- GIDDENS, Anthony. *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: UNESP, 1993.

114 Niterói, v. 7, n. 2, p. 93-115, 1. sem. 2007

JABOR, Arnaldo. Amor é prosa, sexo é poesia. In: _____. *Amor é prosa, sexo é poesia: crônicas afetivas*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004. p. 35-40.

JACKSON, Stevi. *Heterosexuality in question*. London: Sage Publications, 1999.

JERUSALINSKY, Alfredo. Nos tempos do multisssexualismo. *Correio da APPOA: diferença sexual*, Porto Alegre, ano 11, n. 123, p. 7-10, abr. 2004.

LIPOVETSKY, Gilles. *A terceira mulher: permanência e revolução do feminino*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

LOURO, Guacira. Pedagogias da sexualidade. In: _____. *O corpo educado*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. p. 07-34.

LOYOLA, Maria Andréa. Apresentação. In: _____. (Org.). *A sexualidade nas ciências humanas*. Rio de Janeiro: UERJ, 1998. p.07-16.

RAEL, Claudia. *A mocinha mudou para melhor?: gênero e sexualidade nos desenhos da Disney*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

SABAT, Ruth. *Filmes infantis e a produção performativa da heterossexualidade*. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

SANT'ANNA, Denise B. de. Transformações do corpo: controle de si e uso dos prazeres. In: RAGO, M.; ORLANDI, L.B.L.; VEIGA-NETO, A. (Org.). *Imagens de Foucault e Deleuze: ressonâncias nietzschianas*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 99-110.

WEEKS, Jeffrey. *El malestar de la sexualidad: significados, mitos y sexualidades modernas*. Madrid: Talasa Ediciones S.L., 1993.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, Guacira (Org.). *O corpo educado*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. p. 35-82.